

## A Imagem na Documentação Pedagógica: a integração da comunicação na formação do professor

Karin Patricia da Silva\*

Virginia Pereira Cegato Bertomeu\*\*

João Vicente Cegato Bertomeu\*\*\*

### Resumo

Este artigo tem como objetivo dialogar a respeito da utilização consciente das imagens na Documentação Pedagógica. Procurou-se situar a visão da Pedagogia e da Comunicação em relação ao uso de imagens, considerando a intersecção dessas áreas, com o intuito de estabelecer um diálogo potente entre o produtor de imagens e o espectador. Foi apresentada uma prática desenvolvida através de estudo de caso e, com base nessa experiência, foram apontadas as novas tendências de inovação sobre a prática do registro reflexivo do professor, procurando compreender o processo de construção da imagem como elemento de comunicação presente na educação e a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação aplicadas em salas de aula e nos processos educacionais.

**Palavras-chave:** Documentação em educação. Fotografia. Tecnologia educacional.

---

\*Graduada em Pedagogia pela Faculdades Associadas do Ipiranga. Mestranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

\*\*Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU).

\*\*\*Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) campus São Paulo e membro da Universidade Aberta do Brasil (UAB) da UNIFESP.

## Introdução

Um dos objetivos da documentação pedagógica é contribuir para a formação do professor, de modo que, entre tantas coisas, ele possa desenvolver uma atitude investigativa sobre a aprendizagem das crianças. Nesse sentido, é preciso compreender que o professor lida com muitos processos pessoais de aprendizagem ao mesmo tempo, e para que ele consiga acompanhar atentamente cada aluno em seus desafios, sempre faz uso de registros como ferramenta de memória. Nesse caso, o professor gerencia diversas narrativas e, portanto, a memória é tão importante para ele quanto para o outro.

Segundo Placco e Souza (2006, p. 37):

A aprendizagem do adulto professor se faz em uma sociedade real, num plano de política educacional vigente, em relações humanas complexas, em que as referências da memória são fundamentais na intencionalidade e na direção dessa aprendizagem. A partir de seu posicionamento no mundo, o professor aciona informações e orienta seus interesses às aprendizagens. Ao fazê-lo, poderá confrontar-se com outras opiniões e referências, num movimento que confirma sua condição de pesquisador e possibilita o redirecionamento de suas ações.

O professor mergulha em processos caracterizados por diferenças, níveis de compreensão, desejos, necessidades, incidentes, imprevistos, incertezas, entre outros aspectos, e por isso é tão importante o espaço em que se distancia da sala de aula para pensar sobre a mesma, tendo à mão registros, sejam eles escritos, fotográficos, filmicos ou áudio.

É durante essa pausa, que o registro como memória se torna bem interessante no percurso pedagógico, pois há no professor uma tomada de consciência sobre a realidade vivida em que ele poderá atuar e transformar.

Ao aliar memória e intencionalidade, realizamos retomadas, revisões de experiências, construímos uma metamemória. É desse movimento que nasce, na formação do adulto professor, a perspectiva de gerar ou fortalecer o compromisso com os propósitos de suas ações. E por meio dessas ações reafirma-se o processo identitário. (PLACCO; SOUZA, 2006, p. 35).

Compreendida essa função essencial da documentação pedagógica e da produção de imagem e outros textos de comunicação para o professor, podemos aprofundar um pouco mais a percepção sobre esta relação, considerando desde o momento em que ele cria estratégias de observação para documentar, até o momento que devolve essas imagens para as crianças com alguma intenção e posteriormente compartilha com a comunidade escolar.

Conhecer os processos de criação e produção de comunicação é necessário, fundamental e imprescindível para a construção da documentação pedagógica e seus objetivos educacionais, pois ao planejar uma atividade o professor inicia seu processo de construção a partir de variadas decisões, como, por exemplo, optar por produzir imagens estáticas ou em movimento, ou seja, fotografar ou filmar. Essa decisão já implica em saber o que cada um desses instrumentos podem contribuir como benefício e limitação no processo de comunicação da documentação pedagógica. Ainda nesse momento do planejamento, o professor estabelece um ponto de observação, no qual foca sua percepção e olhar no objetivo comunicacional e educacional. Essa ação começa responder questões como: quais tipos de registros auxiliarão neste processo? O que especificamente deve-se fotografar ou filmar? Deve-se ter em mente também e, de forma evidente, que situações imprevistas, mas carregadas de significado, também deverão ser registradas.

O momento da construção e da análise das imagens deve ser apoiada na construção e do objetivo pedagógico junto às crianças, como por exemplo: o que as crianças tinham de hipóteses a respeito de determinado assunto e o que as imagens revelam? Qual imagem contempla a pergunta que as crianças estão fazendo? O que a imagem pode disparar de conversa significativa? Qual imagem se contrapõe as hipóteses levantadas? São alguns questionamentos que fazem parte do processo de construção que envolvem a comunicação e a educação.

Em linhas gerais, podemos fazer uma série de perguntas a partir das pistas reveladas nas imagens e, assegurados dos critérios pedagógicos, selecionar as mais representativas para documentar um processo que reflete em comunicação. Feita a seleção, o professor apresenta as imagens às crianças e, com o potencial encontrado nas mesmas, provoca vivências de metacognição:

Etimologicamente, a palavra metacognição significa além da cognição, isto é, a faculdade de conhecer o próprio ato de conhecer. É uma atividade em que os processos

mentais – percepção, observação, atenção, memorização, pensamento, reflexão, compreensão, apreensão, entre outros – se constituem em objeto de reflexão. (PLACCO; SOUZA, 2006, p. 53-54).

É no ir e vir do diálogo feito sobre as imagens que a documentação pedagógica é vivida como processo para a construção do conhecimento. Uma vez vivida uma história que retrata essa construção, resta apenas compartilhá-la com as pessoas envolvidas neste cenário.

Sendo assim, este artigo discute especificamente a contribuição da imagem e do audiovisual como elemento de comunicação na documentação pedagógica, contribuindo nos processos metacognitivos da educação contemporânea, com sua construção e as contribuições necessárias nestes processos educacionais. Inicia-se com a contextualização histórica da documentação pedagógica, suas principais definições e objetivos, a construção da comunicação e da imagem no processo, alguns apontamentos importantes observados na análise de casos e a contribuição desta pesquisa para a área educacional. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica em base de dados, estudo de caso e entrevistas pessoais. Finaliza-se o artigo com as principais contribuições neste processo de construção transdisciplinar e considerações na área e no processo metacognitivo na relação professor e aluno.

## Contextualização histórica

Século XX, fim da Segunda Guerra Mundial, Itália, um pequeno vilarejo chamado Villa Cella, próximo à cidade de Reggio Emilia. Em meio a tanta devastação, pessoas provocadas por uma aflição vinda da destruição, da violência e de tantos conflitos. Nesse cenário, sobrevivem também as crianças no tempo poético da vida: a infância, marcada, nesse contexto, pela incerteza dos acontecimentos do mundo. Assim, adultos sustentados pela única direção possível: caminhar em frente com a esperança diária de que depois do fim a vida ficaria melhor; reuniram-se para a construção de um lugar seguro para esta infância: uma escola. “[...] Construiremos a escola por nossa conta, trabalhando à noite e aos domingos. A terra foi doada por um fazendeiro; os tijolos e as vigas serão retiradas das casas bombardeadas; a areia virá do rio; o trabalho será realizado por todos nós, como voluntários”, afirma Malaguzzi (1999 apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 59).

Assim como esta, outras tantas escolas foram abertas operadas por pais e esse foi o início de uma história que nos dias atuais resulta, na Itália, em 88% das crianças entre os três e os seis anos de idade, de terem direito adquirido para frequentar escola de ótima qualidade, sendo que os pais podem optar por instituições federais, municipais ou particulares.

A importante figura de Loris Malaguzzi, um professor que nessa época aproximou-se do grupo, acompanhou ativamente todo o processo de reconstrução da vida escolar das crianças pequenas de Reggio Emilia e até os dias de hoje ele continua a alimentar essa história, contribuindo para o fortalecimento de uma educação de qualidade na primeira infância. Em seus ideais, encontramos a valorização da documentação pedagógica, como uma ferramenta potente que torna visível os caminhos percorridos por uma instituição.

Em 1963, ocorreu um grande marco na história da escola dirigida para crianças pequenas na Itália: a municipalização do ensino. Isto representava uma ruptura com a Igreja Católica que, até então, exercia um monopólio. Representava, ainda, uma sociedade que em sua reconstrução exigia uma melhor qualidade e ansiava por sua própria identidade cultural. Em 1967, todas as escolas administradas por pais ficaram sob a administração municipal de Reggio Emilia. Resultado de uma luta política que durou oito anos, para que houvesse escolas com fundos públicos para crianças pequenas.

Um conjunto de teorias e tendências pedagógicas determinavam as características dessa nova escola, marcando o início de uma fase experimental. Diz Mallaguzzi (1999 apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN,1999, p. 69) que

[...] Essa espécie de isolamento estava desaparecendo nos anos 60. Os trabalhos de John Dewey, Henri Wallon, Edward Chaparède, Ovide Decroly, Anton Makarenko, Lev Vygotsky e, posteriormente, também de Erik Erikson e Urie Bronfenbrenner tornavam-se conhecidos. Além disso, estávamos lendo *The New Education*, por Pierre Bovet e Adolfe Ferrière, e aprendendo sobre as técnicas de ensino de Celestine Freinet na França, sobre o experimento educacional progressista da Dalton School de Nova Iorque, e sobre as pesquisas de Piaget e colegas em Genebra.

A necessidade de produzir novas ideias e estratégias educacionais estava relacionada a um conjunto de acontecimentos: o governo municipal, cada vez

mais determinado a investir em escolas; uma grande quantidade de nascimentos depois da Segunda Guerra, uma solicitação crescente para que as crianças pudessem permanecer em creches devido às novas possibilidades de trabalho para as mulheres.

Convencidos de que a educação dessas crianças pequenas deveria ser contrária do que era proposto pela Igreja Católica, ou seja, um sistema de cuidados de custódia, argumentavam que a educação demandava conhecimentos profissionais, estratégias de cuidados e ambientes únicos e apropriados ao desenvolvimento infantil. Apoiados nesses critérios conquistaram um trabalho exemplar, tornando-se, atualmente, referência mundial de boa qualidade da educação da primeira infância. Dentre inúmeros aspectos qualitativos de seu desempenho pedagógico, uma característica singular é o papel que assumem diante dos registros feitos pelos professores por meio de imagens fotográficas e filmicas que expressam processos significativos de aprendizagem, à qual denominam documentação pedagógica. A importância atribuída a tais registros, desperta a atenção dos pedagogos de todo mundo e, aqui no Brasil, isso se reflete como uma necessidade para prática reflexiva da ação educativa. É um caminho para formar profissionais pesquisadores da cultura da infância que investiga e compartilha dados deste processo.

Linda Kinney e Pat Wharton (2009) pesquisaram o trabalho de documentação pedagógica em Reggio Emilia e descreveram uma experiência realizada em Stirling, na Escócia. As autoras tratam o assunto como a “abordagem da documentação” e questionam:

O que a abordagem da documentação significa para as crianças? O que a abordagem da documentação pode significar para os educadores? O que a abordagem da documentação pode significar para os pais e as famílias? O que a abordagem da documentação pode significar para os espaços internos e externos em um estabelecimento pré-escolar? (KINNEY; WHARTON, 2009, p. 27).

Além disso, os autores apresentam uma lista de recursos considerados como essenciais para a prática da documentação:

- Câmeras digitais para os educadores e para as crianças;
- Câmeras descartáveis para uma série de propósitos;

- Câmeras de vídeo para captar sequências de aprendizagens mais longas;
- Digi Blue (versão básica das anteriores);
- Gravadores de áudio de mão para registrar outras hipóteses das crianças e dos adultos sobre as teorias que estão pesquisando;
- Retroprojeter;
- Computador com acesso à internet e impressora;
- Laptop – se possível, com software apropriado para acomodar as tecnologias que apoiam essa abordagem, isto é, Cd-writer, Power Point, dispositivo de vídeo, webcam etc.;
- Fotocopiadora;
- Canetas hidrográficas pretas para registrar as narrativas das crianças;
- Adesivos para os educadores registrarem observações e para as crianças escreverem rótulos;
- Blocos de anotações para registrar comentários mais detalhados sobre atividades ou conversas das crianças;
- *Flip charts* para as crianças e os educadores realizarem mapas mentais;
- Cartazes e painéis para os projetos ficarem visíveis – estes devem ser fixados a uma altura em que tanto as crianças quanto os adultos consigam vê-los e devem ter fundos neutros. Para uma visibilidade máxima, devem ser bastante espaçados uns dos outros e tornar visível a natureza dos projetos que são desenvolvidos no local;
- Áreas de exposição para modelos que são permanentes e que suportam a possível longevidade da exibição de um modelo ou um quadro;
- Diários pessoais das crianças;
- Pastas para guardar dados importantes que surjam dos projetos realizados dentro do contexto de um grupo de aprendizagem;
- Espaço de exibição para mapas e planejamento mental que esteja a uma altura em que tanto as crianças quanto adultos consigam vê-lo.

Retratado aqui a contextualização histórica de tal processo-origem, conquistas e desdobramentos, esse trabalho terá como objetivo entrelaçar os conhecimentos da área de comunicação e criação visual com a produção das documentações pedagógicas, a fim de buscar as tendências estéticas de tais registros e discutir a potencialidade da comunicação que se pretende alcançar com esses registros.

## O que é documentação pedagógica?

Documentação Pedagógica é uma atualização na Pedagogia, relacionada ao ato do educador registrar através de textos, sons e imagens os processos de aprendizagem das crianças, contextualizado nesse novo tempo de diversidade tecnológica.

Segundo Dalhberg, Moss e Pence (2003, p. 194), define-se Documentação Pedagógica:

[...] Quando usamos o termo “documentação pedagógica”, estamos, na verdade, referindo-nos a dois temas relacionados: um processo e um importante conteúdo desse processo. A “documentação pedagógica” como conteúdo, é o material que registra o que as crianças estão dizendo e fazendo, é o trabalho das crianças e a maneira com que o pedagogo se relaciona com elas e com o seu trabalho. Tal material pode ser produzido de muitas maneiras e assumir muitas formas – por exemplo, observações manuscritas do que é dito e feito, registros em áudio e vídeo, fotografias, gráficos de computador, o próprio trabalho das crianças, incluindo, por exemplo, arte realizada no atelier com o atelierista. Este material torna o trabalho pedagógico concreto e visível (ou audível) e, como tal, é um ingrediente importante para o processo da documentação pedagógica.

Esse processo envolve o uso desse material como um meio para refletir sobre o trabalho pedagógico e fazê-lo de uma maneira muito rigorosa, metódica e democrática.

Assim, partimos do pressuposto que a Documentação Pedagógica é uma ferramenta potente para revelar os processos de ensino aprendizagem vividos na Educação Infantil e propiciar diálogos democráticos a partir do que foi documentado e supostamente emoldurado pela concepção pedagógica da escola.

As experiências italianas de Reggio Emilia são as fontes de referência em que as escolas se alimentam ao buscar, entre outras coisas, modos de dar visibilidade à compreensão da infância dentro do ambiente escolar. Sobre esse aspecto Dalhberg, Moss e Pence (2003, p. 200) afirmam que “[...] Por meio da documentação, podemos mais facilmente ver e questionar a nossa imagem



de criança, os discursos que incorporamos e produzimos e que voz, direitos e posição a criança adquiriu em nossas instituições dedicada à primeira infância”.

Visualizar a prática de trabalho com as crianças requer constante reflexão por parte do pedagogo. Torná-las visíveis aos olhos do público receptor é o desafio para que estes registros alcancem o objetivo de comunicar e provocar diálogos sobre processos educativos e o lugar da infância em nossa sociedade. Vale ressaltar que de todos os valores atribuídos à documentação pedagógica, o objetivo citado anteriormente é um importante recorte dentro do cenário da educação infantil no Brasil, tratada na maioria das vezes com grande descaso e com uma falta de compreensão sobre o que representa educar nesses primeiros anos de vida.

Gandini e Edwards (2002) trazem referências sobre como os educadores norte americanos, também influenciados por Reggio Emilia, têm se interessado pela documentação pedagógica, e nos dizem sobre o peso que eles atribuem aos passos finais da documentação como a preparação de painéis, portfólios e outras formas de comunicação e exibição.

Nessa perspectiva, fica em evidência a necessidade de o professor reinventar novas maneiras de trabalhar com seus registros, coletados com esmero, para comunicar aquilo que sabe, visualiza e que está distante dos olhos de quem não tem o mesmo suporte teórico para apreciar uma cena potente de aprendizagem.

Os professores devem deixar para trás o modo isolado e reservado de trabalhar, o qual não deixa sinais. Em lugar disso, devem descobrir formas de se comunicar e documentar as experiências evolutivas das crianças na escola. Devem preparar um fluxo constante de informação de boa qualidade dirigida aos pais, mas apreciadas por crianças e professores. (MALAGUZZI apud GANDINI; EDWARDS, 2002, p. 69-70).

A articulação das observações realizadas pelos docentes com o instrumento escolhido para documentar, seja ele fotografia ou vídeo, requer conhecimentos básicos sobre a utilização dos mesmos para que ética e estética caminhem lado a lado, tornando os materiais selecionados para serem expostos atraentes aos olhos de quem lê. Entre esses conhecimentos, a manipulação de alguns softwares se faz necessária, nesse caso softwares de edição de vídeo e de tratamento de imagem.

Observa-se a necessidade estética nesta atividade, com base na compreensão do pensamento e obra pedagógica de Loris Malaguzzi.

Alfredo Hoyuelos (2006, p. 79) relata:

Na entrada da escola Diana de Reggio Emilia (premiada internacionalmente em 1991 pela revista Newsweek como a melhor do mundo em Educação Infantil) podemos ver um grande cartaz que é um convite provocador do centro educativo: <Nada sem alegria>. Esta máxima ética e estética de Michel de Montaigne é, ao mesmo tempo, a entrada e a saída da própria escola, um lugar que declara que, sem alegria, não se pode não só educar ou formar, senão que não vale a pena viver. As seguintes palavras autobiográficas do pedagogo reggiano são relevantes: “Não me interessa nem a regra de Montaigne nem a de Sciascia. Importa-me o tema da alegria, um tema hoje (e sempre) excitante. Podemos viver sem alegria? Pode-se ensinar sem alegria? Se pode formar aos jovens educadores sem alegria? (nos referimos a uma alegria humilde, sossegada, sutil, a uma sombra serena que acalme e regenere os desejos e interesses, e que recolha e difunda este mesmo sentimento. Um tema, este (me dou conta agora), estranha e imperdoavelmente ausente de minhas leituras. Mas também de minhas reflexões.

Para completar, Hoyuelos (2006, p. 81) prossegue em sua explanação dizendo:

Para Loris Malaguzzi a escola como instituição educativa é, antes de tudo, um grande ato de amor. O fracasso escolar, comentava, em alguma ocasião, tem que ver com o fato de que existe um currículo imposto, que não é amado pelas crianças, pelos jovens e pelos professores. Portanto, fazer educação, para ele é sentir com amor e paixão a própria profissão. Amor significa vitalidade e a capacidade de inovar continuamente sem cair na rotina que esmaga a educação. Isto faz da escola esse desejável âmbito estético habitável.

Esse âmbito estético das relações que garante um clima alegre e amoroso dedicado à primeira infância, e que propicia encontros reais para contornar o desenvolvimento das aprendizagens infantis é que necessita ser retratado, quando ele de fato existe, para que as pessoas possam identificar caminhos possíveis e saudáveis para educação infantil na sociedade brasileira da pós-modernidade. O exemplo citado do sintético cartaz de Diana de Reggio Emilia nos dá indícios de como uma estratégia da comunicação, aparentemente simples, pode traduzir os valores pelos quais o espaço se compromete com os cuidados atribuídos às crianças.

É importante esclarecer que documentação pedagógica não é apenas compilar textos, fotos e filmes “bonitos” à revelia. Há de se ter critérios de investigação e perguntas pertinentes, para que de fato ela possa trazer à tona e com assertividade, o que e como a criança está aprendendo. A intenção é encontrar formas de praticar uma pedagogia ancorada na reflexão e comunicação. Segundo Dalhberg, Moss e Pence (2003, p. 78):

[...] a ideia e a prática da documentação pedagógica tem uma longa história. Tomando um exemplo sueco, a ideia da prática da documentação foi uma característica importante da teoria pedagógica de Elsa Köhler. Como Dewey, Elsa Köhler abordava de maneira reflexiva e problematizante a prática pedagógica e as questões a ela relacionadas. A comunicação, a interação e a observação, estavam no cerne da “pedagogia da atividade” de Köhler, assim como a ideia de que o pedagogo auto reflexivo deve desenvolver um entendimento da constituição do self. O pedagogo na “pedagogia da atividade” era visto como uma espécie de pesquisador, e, durante a época de Köhler, muitos pedagogos, devido ao seu envolvimento na reflexão e na pesquisa, realizaram estudos acadêmicos e dissertações escritas.

## **Imagem, comunicação e a documentação pedagógica**

Os pedagogos compromissados com a abordagem da documentação partem do princípio de que a concepção que se tem de infância é retratada nas imagens produzidas pelos educadores que as fazem, ou seja, a ampliação de uma imagem pode apontar como a criança é vista, interpretada ou valorizada. Assim, a imagem traduz um conceito implícito em sua forma fotográfica ou

fílmica, criando no espectador uma impressão, uma pergunta, uma percepção. Dessa forma, Aumont (1993, p. 93) aponta:

Com o tema teórico da influência da imagem surge uma nova relação: entre espectador e produtor da imagem. Implicitamente, é essa relação que está na base de toda uma série de abordagens bastante radicais do espectador, muito diferentes umas das outras, mas cuja característica comum é estabelecer uma espécie de paralelismo entre o trabalho do espectador e o “trabalho” da imagem (isto é, em última instância, o trabalho do fabricante da imagem).

Ao observar a relação das duas pontas entre a imagem – produtor e espectador –, como o princípio gerador de comunicação, podemos pensar na verticalidade de um trabalho bem estruturado feito com imagens na área da educação. Esse trabalho pode acontecer num fluxo gerador de desenvolvimento individual e coletivo de todos os envolvidos no processo e atender um plano social ao que se refere à conscientização de propostas educativas pela infância.

Para que a imagem é utilizada? Sem dúvida não é possível ser tão incisivo quanto Arnheim na distinção entre grandes categorias: as “funções” da imagem são as mesmas que, no curso da História, foram também as de todas as produções propriamente humanas, que visavam estabelecer uma relação com o mundo. (AUMONT, 1993, p. 79-80).

Aumont (1993) prossegue descrevendo os três principais modos de relação com o mundo a partir da imagem: o modo simbólico, o modo epistêmico e o modo estético. Em síntese, ele nos provoca a pensar que utilizamos a imagem para contemplar, conhecer e sentir (*aisthesis*).

Se esses três verbos são relevantes ao que se refere à produção de imagens, temos então algumas pistas para fundamentar o próprio trabalho de documentação pedagógica: O que a imagem contempla sobre a infância? O que a imagem informa sobre infância? O que a imagem nos faz sentir sobre a infância?

Dessa forma, a complexidade do trabalho se torna mais clara, revelando o potencial que tem quem produz essas imagens, considerando a relação com seus espectadores.

O espectador constrói a imagem, a imagem constrói o espectador. Essa abordagem do espectador consiste antes de tudo em tratá-lo como parceiro ativo da imagem, emocional e cognitivamente (e também como organismo psíquico sobre o qual age a imagem por sua vez). (AUMONT, 1993, p. 81).

Ao pensar sobre quais são os espectadores envolvidos em um trabalho de documentação pedagógica identifica-se: as crianças, os professores, os pais e os funcionários da escola. Ao avaliar os diferentes papéis exercidos por cada um deles, surge a questão da forma que essas imagens aparecem disponibilizadas para cada um – objetivos e intervenções que evocam a construção do plano pedagógico.

Chegamos então a três perguntas centrais que serão vistas no decorrer do artigo: o que fotografar ou filmar? Para quem fotografar ou filmar? De que forma expor o trabalho fotografado ou filmado para cada espectador relacionado?

Contudo, é preciso também atribuir uma constância necessária a fim de que esses registros deem suporte ao diálogo continuamente, com a intenção de que a construção conceitual sobre uma determinada visão de criança possa se efetivar por intermédio da imagem. Essa possibilidade de tornar comum a leitura do produtor da imagem para o espectador representa a ótica da comunicação.

Cabe ressaltar que as imagens sempre foram construídas com determinadas finalidades (AUMONT, 1993) e uma das razões essenciais é a mediação entre o espectador e a realidade – que surge da ligação da imagem com o domínio do simbólico. Um dos principais valores da imagem é a representação de coisas concretas (ARNHEIM, 1998), como também o reconhecimento e a rememoração de algo que se vê ou pode se ver no real, propondo o saber sobre o real. Este efeito de realidade é produzido no espectador pelo conjunto de índices de analogia em uma imagem, criando no espectador a crença da realidade através de uma analogia produzida principalmente pela imagem fotográfica.

O papel do fotógrafo é (AUMONT, 1993), saber mostrar a natureza sob seu melhor aspecto e descobrir os elementos potenciais que auxiliam na expressão da realidade. Em nosso estudo, o papel do professor com a documentação pedagógica fotográfica é capturar com a imagem a melhor forma de mostrar as expressões máximas dos alunos nos seus momentos e processos de aprendizagem, contribuindo e sabendo mostrar a realidade sob seu melhor aspecto.

No que tange o audiovisual (FERRES, 1994), como técnica e linguagem, é uma forma diferenciada de expressão construída num sentido de interação e conjunto de múltiplas imagens visuais e sonoras utilizadas em meios como o cinema, a televisão, o vídeo e a internet. Na linguagem audiovisual são processadas simultaneamente as fontes visuais e auditivas onde os significados provêm interação de diversificados elementos imagéticos e sonoros, que se adequam e realizam assim uma linguagem de síntese que gera no espectador uma experiência unificada possibilitando experiências perceptivas múltiplas, provocando a imaginação e conferindo à afetividade um papel de mediação do real. A linguagem audiovisual determina aspectos indispensáveis de teor imaginativo e afetivo na percepção e interpretação do objeto comunicado. A documentação pedagógica que utiliza a filmagem e construção audiovisual oferece ao espectador uma compreensão e visão do todo aliado a um processo sensível de transmissão de emoções ao espectador.

Alguns professores da educação infantil entrevistados expressam o potencial da imagem fotográfica ou do audiovisual em seus processos de construção: *“Existe imagem fotográfica que é reveladora, mas você infere sobre ela”*<sup>1</sup>; *“Com o filme a gente tem a fala da criança na íntegra!”*<sup>2</sup>, *“O vídeo mostra a voz da criança”*<sup>3</sup>; *“O vídeo procura retratar a criança expressando o conteúdo que aprendeu, quando, por exemplo, ela dá um depoimento. A foto é aquele clique, o vídeo tem a beleza dos gestos e expressões. O vídeo não é mais importante que a foto, cada um possibilita um tipo de apreciação”*<sup>4</sup>.

## Estudo de caso

Para procurarmos compreender um pouco mais a respeito da utilização da documentação pedagógica, foi selecionada a Educação Infantil da Escola Vera Cruz, situada na zona oeste de São Paulo, pois desde 2006 viveu um aprimoramento em sua forma de registrar os processos de aprendizagem das crianças e, a partir de 2009, valida tal mudança com a chegada da Documentação Pedagógica. A utilização da metodologia do estudo de caso nos auxiliará na compreensão e operacionalização deste fenômeno e suas relações entre os profissionais envolvidos. A complexidade para abordar uma prática de exercício de documentação pedagógica sugeriu visualizar partes que compõem o todo da instituição investigada. Esses recortes têm o objetivo de facilitar a compreensão de um processo amplo e orgânico construído nesse ambiente escolar, subdivididos em:

- a) Princípios do Projeto Político Pedagógico e concepção de infância;
- b) Arquitetura e ambiente;
- c) Equipe de trabalho;
- d) Profissionais envolvidos diretamente com o processo de documentação;
- e) Destinos para a imagem: do uso diário a memória futura.

*a) Princípios do Projeto Político Pedagógico e de concepção de infância*

O Projeto Político Pedagógico (PPP) de uma escola guia todas as ações pedagógicas do cotidiano escolar. É a partir dele que as estratégias são elaboradas para atingir as metas educacionais pretendidas, sobre um conjunto de teorias educacionais que regem o pensar da instituição. Nesse caso, as teorias de Fernando Hernández, Loris Malaguzzi, La Rossa e Vigotsky, entre outros, contornam a interpretação do vivido.

A prática pedagógica da escola observada está fundamentada na ideia de que aprender é uma experiência relacional, portanto, pressupõe um ambiente educativo rico nas interações que propõe. Este ambiente interativo favorece o conhecimento de si mesmo, da sua identidade, do outro, do seu lugar no mundo e do mundo. A prática dessa concepção de ensino e aprendizagem no dia a dia; as situações/as experiências planejadas, permitem às crianças a atribuição de significado/sentido, por meio de relações, conexões, entre o conhecido e a nova aprendizagem. Esses arranjos são singulares e de autoria de cada criança, sempre tutorado pelo adulto.

O valor atribuído ao processo de socialização apontado pela escola enfatiza a presença da criança dentro de um contexto que possibilita conexões entre o sabido e os novos conhecimentos, com a perspectiva da consciência de seu próprio processo de aprendizagem para potencializar ainda mais a sua capacidade de estabelecer relações, aprender, pesquisar e se conhecer.

A proposta pedagógica da instituição, também aponta o importante papel do professor como aquele que torna claro a relação da criança com o conhecimento, sobre diferentes ângulos. Constrói memória significativa, sendo que este processo é muito diferente da memorização repetitiva da escola tradicional. Desenvolve olhar e escuta sensível, para compreender as perguntas e curiosidades das crianças e articulá-las com os conhecimentos organizados no currículo de cada etapa.

Outro princípio que norteia a política da escola é a parceria com os pais. A escola proporciona diferentes momentos de encontros para troca e aproximação do projeto pedagógico. A avaliação dos alunos é feita por meio de acompanhamento dos processos que levam às aprendizagens.

A escola reconhece na criança a presença do sujeito, com voz própria, e a dimensão lúdica na constituição dessa etapa da vida. Um sujeito potente, com possibilidades para aprender e se expressar, direito de ser visto e ouvido, direito ao desenvolvimento, a participar ativamente da cultura, inserir-se nela e transformá-la.

Como dito anteriormente, está no PPP as diretrizes que regem as ações de uma escola. Compartilhar a essência da ideologia que ancora tais ações é requisito fundamental para desempenhar com coerência um trabalho que dialogue com o mesmo. Dessa forma, acredita-se que o exercício constante de observação, registro e reflexão proporcionada pela documentação pedagógica, mantém acordada a percepção entre real e ideal. Essa dialética põe em jogo o existir de cada um, com seus valores, crenças, comportamentos condicionados, qualidades, defeitos, gostos, aversões etc. Daí nasce uma profunda conscientização e papel fundamental da documentação como necessidade de diálogo orientado, que compreende todos como aprendizes em evolução, rumo ao processo de conscientização da ética humana.

#### *b) Arquitetura e ambiente*

As crianças têm o direito de crescer em espaços onde o cuidado e a atenção prestados à dimensão estética constituam um princípio educativo básico. As experiências que as crianças vivem com o espaço devem poder converter-se em experiências estéticas, de prazer e de bem estar (FORMOSINHO, 2011).

De acordo com esses princípios, o dia a dia da escola é regido por um movimento singular que busca ao máximo a aproximação com a intencionalidade. Ao percorrer os caminhos da escola, vamos nos deparando com cenários montados pela equipe, que provocam nas crianças uma percepção diferenciada do ambiente e as convidam para experimentar, pesquisar e atuar.

Essa intervenção diária no espaço caracteriza o clima que essa organização estabelece. Por meio dela, podemos visualizar a postura das crianças e a postura do professor. Há uma aura de envolvimento e pesquisa por parte de ambos.

O ambiente é tranquilo, envolvente e pensado para favorecer situações de aprendizagens. Tudo acontece em uma casa ampla e plana. Ao redor do espaço



da areia, onde as crianças brincam diariamente, foram planejadas onze salas bem arejadas para cada grupo/série. A funcionalidade deste espaço cria um ritmo organizado no dia a dia das crianças: a forma como os brinquedos estão dispostos, as mesas em frente das salas, a maneira em que os materiais são apresentados, enfim, é um espaço pensado para haver um bom fluxo de interações.

Do ponto de vista funcional, para a realização de documentações pedagógicas, podemos encontrar em todas as salas um computador, um data show, amplificador de som e uma câmera fotográfica. Essa disponibilidade de equipamentos cria situações propícias para a apreciação de fotografias e vídeos. É comum observarmos os professores caminhando com a máquina fotográfica, assim como exibições no data show com cenas do vivido. Na entrada da escola existe uma mediana janela de vidro que cria transparência e favorece a relação entre interior e exterior. É interessante pensar que todos que chegam por ali, têm acesso visual sobre o que acontece nesse universo.

Assim como a janela, as portas das salas de aula são do mesmo material. A intenção de um diálogo pautado na transparência é revelada na própria estrutura física, embora esse não tenha sido o único objetivo na decisão de escolha desse material. Uma das intenções foi pensar uma estrutura a partir de critérios ecológicos de captação da luz. Independente disso, isso nos dá elementos para compreender a importância do caráter informativo dos registros produzidos. O que é visto através da janela está sendo diariamente interpretado por um olhar informado a respeito da cultura da infância – *professores*. Os registros guiam os outros olhares – *pais e comunidade escolar*. Formam e informam. Sustentam as escolhas de um projeto político pedagógico.

Todo o cuidado refletido no ambiente é coerente com a teoria pedagógica que diz que o espaço é um “terceiro educador”. Essa ideia nos traz a dimensão de que o ambiente bem organizado e pensado propicia a real interação das crianças com o mundo e cria condições para que elas possam realizar suas pesquisas. Esse pressuposto preservado é um indício de uma atitude ética com a infância que aponta os valores necessários para a realização de uma boa documentação pedagógica, cujo princípio é investigar o que as crianças estão pesquisando em suas vivências.

### *c) Equipe de trabalho*

Semanalmente o corpo pedagógico da escola se reúne com o propósito de formação continuada. Os encontros são planejados pelo coordenador do ciclo

com os orientadores. Os assuntos, criteriosamente selecionados, mobilizam reflexões sobre a prática desenvolvida no cotidiano, sempre articulados com o projeto político pedagógico. Há também um tempo destinado ao planejamento, que são registrados e documentados.

Acredita-se que a formação continuada é o espaço que propicia a troca de experiências, e a reflexão sobre a prática é o alimento necessário para que a equipe tenha um genuíno movimento de alinhamento com os princípios que regem a escola.

Os professores tem esse espaço de escuta com os orientadores, onde o entendimento da realidade vivida entre as crianças é percebido e avaliado. De tais conversas nascem as ideias e necessidades de documentação.

Os orientadores sistematicamente dialogam com seus coordenadores de ciclo e no mesmo exercício de compreensão, constataam ou não a coerência do trabalho encaminhado.

Quando uma documentação amadurece entre tantos olhares e com a concordância de que tal processo tem grande valor para ser compartilhado, o profissional de comunicação participa com a orientação sobre como pode ser elaborado determinado produto. Senso estético e coerência são qualidades essenciais para este profissional dentro da escola.

Essa estrutura de funcionamento foi projetada para existir um trabalho de equipe, onde o “eu e o outro” possam se encontrar continuamente e afinar suas identidades e subjetividades perante o ideal de educação.

A compreensão da Documentação Pedagógica pelos coordenadores e professores expressam o ambiente formativo que a escola favorece ao profissional, podemos observar o movimento satisfatório em direção à abordagem da documentação:

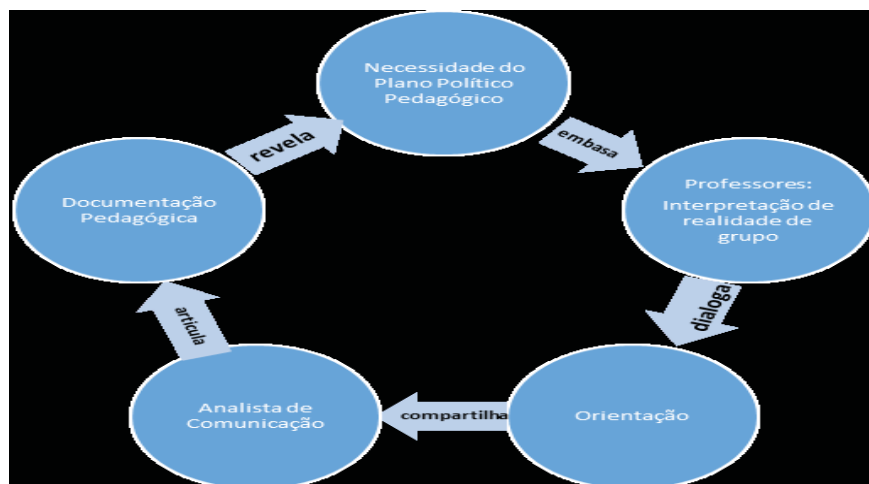
*A documentação pedagógica chegou em um “terreno fértil”. Posso fazer essa afirmação, pois a formação dos educadores já estava sendo tratada na direção das questões colocadas para a escola contemporânea e que são questões fundamentais para a prática da documentação. Alguns questionamentos como: Qual a função social da escola? Qual a concepção de criança, de professor e de currículo? Como dialogar, tornar visível o trabalho para a comunidade de pais? Além dessas questões, os educadores já buscavam “escutar” cenas potentes das crianças*

*para que pudessem interpretá-las e assim conhecer melhor os gestos, pensamentos e traços dos alunos<sup>5</sup>.*

A documentação feita ao longo do processo e compartilhada com as crianças possibilitou que elas retomassem seus percursos individuais, suas investigações, perguntas e ações; possibilitou que elas se apropriassem do vivido e de sua história. Além disso, como a documentação era compartilhada com o grupo todo, as pesquisas individuais se ampliavam para o grupo. Era um momento onde as crianças relatavam suas experiências, argumentavam suas ações e descobertas, faziam novas relações e levantavam novas hipóteses. Dessa forma, elas, no grupo, elaboravam e significavam os conceitos trabalhados<sup>6</sup>.

*d) Profissionais envolvidos diretamente com o processo de documentação*

**Figura 1 – Etapas do processo de construção da imagem**



Fonte: Autores.

Conforme o diagrama acima (Figura 1), desenvolvido pelos autores, nas observações do processo de construção das imagens estudadas, podemos visualizar a organização de como o trabalho é estruturado na instituição para realizar tais documentações. Para compreender a articulação citada, é preciso considerar a fluência de um trabalho feito em equipe e discriminar o papel de cada um nessa construção.

Todavia, esse caminho organicamente orientado, é avaliado com muita constância para que o entrelace pedagógico e da comunicação possa se definir com maior clareza. Isso faz a estrutura pensada, com possibilidade de renovação e inovação.

Com vistas à realização das documentações pedagógicas, todos os envolvidos compreendem o princípio conceitual que rege o trabalho, e, o mergulho de cada profissional em sua especificidade, potencializa o teor das informações compartilhadas.

*e) Destinos para a imagem: do uso diário à memória futura*

Outro aspecto observado está ligado ao cuidado e preservação das imagens acondicionadas num acervo fotográfico.

Em sala climatizada, desumidificada, com prateleiras e pastas com plásticos preparados em jaquetas para conservação das imagens, a escola conserva fotografias desde 1973. Através do software *Acervo Sophia*, um profissional da escola faz a catalogação das imagens, através de um vocabulário controlado (palavras-chave), para a busca futura das imagens.

Certamente, diante da realidade atual sobre a facilidade de obter imagens fotográficas, a escola vem elaborando a questão: o que colocar no acervo?

Uma estratégia interessante elaborada pelos profissionais de comunicação foi criar uma regra, onde toda fotografia postada no site da escola, o que pressupõe uma avaliação da qualidade estética e significativa, tem que, necessariamente, ser catalogada no *Acervo Sophia*.

Uma finalidade bastante usual do acervo nos dias de hoje, é recuperar a trajetória de um grupo ao concluir o 9º ano do ensino fundamental, para ser compartilhado no momento de formação conclusiva.

Outra função do acervo é recuperar, como algumas situações pedagógicas aconteciam anos atrás. Embora ainda não haja uma ação consciente entre documentação pedagógica e o acervo, já que esta forma de registrar é tão recente, este revela a instância final de um olhar cuidadoso com as imagens que habitam esse lugar. Pequenos retratos, peças de um imenso quebra cabeças, que guardam a memória de uma construção educativa. Possibilidades futuras do resgate de uma narrativa refletida. Singularidades do tempo, fragmentos de uma história.

## Considerações finais

Ampliar as cenas da realidade de aprendizagem diária através das imagens e usar lentes de aumento para ver o invisível do processo cognitivo e sensível, facilitar a percepção sobre a construção de conhecimento e sobre a participação de cada sujeito presente na história, observar a si mesmo e ao outro, desenvolvendo a consciência dos limites que dão contornos para a identidade e a subjetividade, apostar em uma comunicação que gera o comprometimento entre todos os envolvidos no processo educativo das crianças, permite-nos correlacionar o significado dos registros das narrativas vividas, como uma via para a construção de uma prática pedagógica consistente.

Incorporar o uso das imagens de forma consciente, como instrumento favorecedor de uma prática investigativa do educador, é uma ação possível. Ao retomar o princípio gerador da comunicação sobre a relação produtor e espectador, a produção consciente de tais imagens, num fluxo constante, com propósitos investigativos e cuidados estéticos, canaliza uma experiência visual sensível, que traz a luz ao espectador, a percepção de uma concepção de infância.

Num outro plano, é interessante pensar sobre como é a experiência de uma criança que cresce com esse modelo de relação com a imagem, em contraponto a outras que não tem a mesma experiência. A intimidade com o material, a memória resguardada, a experiência da visualidade estética, as constantes análises metacognitivas, o modelo do professor registrador, o valor atribuído ao olhar, a apreciação nas exposições, “o fio” da narrativa, enfim, essas crianças vão crescendo com uma oportunidade de construção crítica a respeito de imagens dentro deste mundo contemporâneo repleto das mesmas.

Cada vez mais, a complexidade do trabalho se revela quando um aspecto passa a ser iluminado. Em nosso estudo de caso foi observado que muitas pessoas estão envolvidas nesse processo: as crianças, os professores, coordenadores, orientadores, diretores, pais e funcionários da escola. Muitos não imaginam o grande empenho reflexivo que há por trás de um vídeo exibido ou de uma exposição fotográfica. A forma que essas imagens aparecem disponibilizadas para cada um, contempla objetivos que evocam a construção do plano pedagógico, dito nas entrelinhas da visualidade.

Esse trabalho vem fomentando na educação infantil uma perspectiva para lidar de forma inteligente com as facilidades de registros atuais. Assim sendo, há um movimento provocador que desemboca nas questões centrais

citadas anteriormente que são: o que fotografar ou filmar? Para quem fotografar ou filmar? De que forma expor o trabalho fotografado ou filmado para cada espectador relacionado?

As respostas para tais questões remetem imediatamente à consciência dos princípios de documentação de qualquer instituição e, portanto, pode gerar um grande exercício no olhar.

Lembramos que o dia a dia na sala de aula é uma experiência intraduzível, para quem nunca a viveu. Requer muitos recursos internos para que o aspecto saudável das relações prevaleça. Tem em jogo uma consciência ética que precisa ser muito refinada. Desenvolver a escuta e olhar qualificados para compreender a linguagem da criança é o arsenal essencial para enfrentar os pragmatismos da vida diária. É sair do modo escuro da ignorância, para assumir uma conduta ética sensível com a infância. A Documentação Pedagógica atual chega como uma ferramenta poderosa no sentido de facilitar o alcance dos desafios descritos e, no mínimo, como um “simples” convite: olhem-se!

Por que a metacognição representa uma perspectiva bem sucedida no que se refere às aprendizagens do mundo contemporâneo? Qual a relação estabelecida entre a utilização de imagens do vivido com exercícios de metacognição? Quais são os desafios da escola contemporânea e sob a luz do conceito da metacognição, o que é possível enxergar como experiências de êxito?

Pensar na equação que envolve a Documentação Pedagógica, a comunicação, a imagem, a metacognição e os desafios da escola contemporânea é um convite para acessar o raciocínio sobre os novos percursos didáticos investigados pelos educadores na atualidade. Uma justa investigação, que nos traga pistas sobre a melhoria da eficácia de novas estratégias para os professores, diante do desafio encontrado nesse exato momento de transformação em relação com a informação, assim como a melhoraria das aprendizagens dos alunos.

Se hoje o professor interroga sobre qual é seu papel na educação, a internet, estabelecida como modelo de comunicação, mostra que não há mais linearidade de discurso, traz um novo conceito de tempo e encontro democratizando o conhecimento e aponta a complexidade das redes de informações. Além disso, outras questões do mundo contemporâneo permeiam a realidade escolar e a provoca para o enfrentamento das mesmas: dilemas universais sobre o meio ambiente, questões relativas a um novo tipo de violência, responsabilidade

social, sustentabilidade etc. Tudo isso, gera a necessidade de pensar na formação de novos cidadãos, cujo pensamento não seja fragmentado para que realmente possam lidar com tais questões. No entanto, rege ainda no cenário escolar uma estrutura segmentada que contraria e dificulta as necessidades encontradas para este novo tempo, para a formação deste novo cidadão.

Entre tantos desafios para escola solucionar, pensadores contemporâneos iluminam o ato de aprender a aprender. O professor deixa de ser aquele que ensina e que detém o conhecimento e passa a ser aquele que estimula a aprendizagem revelando uma mudança de paradigma sobre o papel a ser desempenhado. Deve ser aquele que acompanha e sente interesse pelo percurso construtivo de seus alunos. Nesse sentido, partimos ao encontro das teorias que abordam as questões das aprendizagens e especificamente sobre o aprofundamento do conceito de metacognição.

Esta operação mental é uma reflexão de segundo nível que consiste, para aquele que aprende, em elaborar conhecimentos sobre a maneira como ele próprio constrói os seus conhecimentos. Por esta reflexão, que se pode qualificar de distanciada, para insistir sobre o facto que ela diz respeito à maneira como se fundam as aquisições novas, aquele que aprende chega gradualmente a conduzir ele próprio os seus progressos sobre a inteligibilidade do mundo. (GRANGEAT, 1999, p. 13).

Segundo Anne-Marie Doly (1999), esse conceito aparece nos Estados Unidos no início dos anos setenta em trabalhos sobre a memória. É um conceito próximo à noção de “tomada de consciência” utilizada por Piaget para explicar o desenvolvimento da inteligência, que implica na possibilidade daquele que aprende se distanciar do que faz. Despertar a consciência sobre a consciência e assim passear pelo caminho da autoria, do pertencimento do todo, da compreensão do lugar de si mesmo dentro do universo.

As definições da psicologia falam sobre dois pólos na metacognição: os conhecimentos sobre a cognição e os produtos da cognição. “São conhecimentos armazenados na memória [...] que podem ser chamados a guiar a atividade cognitiva numa gestão controlada das tarefas” (YUSSEN, 1985 apud DOLY, 1999). Esses metaconhecimentos, verificados ou não, incidem:

- quer sobre “produtos cognitivos” como, por exemplo, saber que eu não possuo conhecimentos sobre determinado período histórico e, mais geralmente, saber aquilo que eu sei;

- quer sobre “processos cognitivos”, isto é, a maneira como funcionam na resolução de um problema o pensamento e as funções mentais como a memória, o raciocínio, a compreensão, a atenção, etc., isto é: saber como fazer para atenuar a má memória; ter estratégias para ultrapassar o fracasso, ficar atento, aprender as lições, compreender aquilo que se lê, etc. (GRANGEAT, 1999, p. 22).

J. H. Flavell (1985 apud DOLY, 1999) diferencia, ainda, os metacognições em quatro categorias que não aprofundaremos aqui, mas que em síntese nos leva a observar que a apreensão de si é muito importante na construção do conhecimento. Aborda sobre as percepções dos movimentos internos e conseqüentemente o reconhecimento das mesmas, a comparação com outros sujeitos aprendentes, a importância da atenção, a necessidade das tarefas e a construção inteligente de estratégias construídas por si nos trabalhos pessoais.

Com base nos propósitos deste artigo, os educadores na utilização da Documentação Pedagógica associam o uso de imagens como utensílio no exercício de metacognição. As imagens por eles utilizadas atendem tanto os produtos da metacognição quanto os processos cognitivos. Fotografias e vídeos são feitos de maneira constante como parte do processo reflexivo do professor e devolvidos para as crianças como suporte para conversas que conduzem às percepções dos processos de aprendizagem em desenvolvimento.

Uma mediação que o adulto interpõe para as crianças e que torna inteligível de tal modo que elas podem pensar sobre a realidade vivida, identificando-se como parte integrante de determinada ação em desenvolvimento.

É com efeito, também na compreensão de dois conceitos chaves na teoria de Vygotsky (1984) – *zona proximal de desenvolvimento e a noção de interação social* –, que as apreciações guiadas de tais imagens se tornam ainda mais potentes. Outro aspecto a ser considerado é que a linguagem visual complementa a abstração da oralidade, dando suporte para significar e comunicar as operações metacognitivas, contribuindo para a constituição do pensamento das crianças, assim como no desenvolvimento da consciência.



Devemos considerar que algumas competências são essenciais para o mediador/educador que assume a realização de um trabalho como este. Um olhar apurado e sensível, voltado para as características individuais dos aprendentes é decisivo para fomentar as potencialidades. O repertório de teorias, aliado à experiência prática refletida e a compreensão de um processo transdisciplinar integram um perfil que favorece a tendência apresentada. Evidentemente o entrelace desse exercício entre imagem e metacognição é uma possibilidade bem sucedida que sintetiza alguns aspectos da abordagem da Documentação Pedagógica.

Finalmente, pesquisar essa combinação inerente à Documentação Pedagógica que envolve comunicação, imagem, metacognição e desafios da escola contemporânea, vem revelando novos sentidos na construção pedagógica de algumas escolas, e sem dúvida, são novos caminhos que buscam o sucesso das aprendizagens:

Com efeito, numa primeira situação, o sucesso das aprendizagens é efectivo quando o sujeito se torna capaz de aplicar, de reinvestir, de transferir, em variados contextos, um conhecimento já adquirido (apud Develay; Tardif, 1992). Por outras palavras, aprender é estabelecer uma distância entre os conhecimentos estabilizados, as situações que levaram à sua aquisição e as ocasiões que vão exigir que estes sejam postos em prática; é também conseguir gerir esse afastamento (apud Astolfi, 1992; Mendelsohn, 1996). Na escola, aprender é então atribuir um sentido suficiente aos saberes escolares para que possam ser considerados objetos intelectuais respondendo a uma classe de problemas (apud Charlot e col., 1994; Rochex, 1995). (GRANGEAT, 1999, p. 95).

## Notas

<sup>1</sup> Entrevista de Clélia Cortez Moriama concedida aos autores, 2012.

<sup>2</sup> Entrevista de Juliana Guerreiro Lichy concedida aos autores, 2012.

<sup>3</sup> Entrevista de Gabriela Macedo concedida aos autores, 2012.

<sup>4</sup> Entrevista de Daniela Panucci concedida aos autores, 2012.

<sup>5</sup> Entrevista de Eloiza Ponzio concedida aos autores, 2012.

<sup>6</sup> Entrevista de Rebeca Schneider Mesquita concedida aos autores, 2012.

## REFERÊNCIAS

- ARHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Thomson Pioneira, 1998.
- AUMONT, Jaques. *A imagem*. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- DOLY, Anne-Marie. Metacognição e mediação na escola. In: GRANGEAT, Michel (Coord.). *A Metacognição, um apoio ao trabalho dos alunos*. Porto, PT: Porto Editora, 1999.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERRES, Joan. *Television e educación*. Barcelona: Paidós Iberica, 1994.
- FORMOSINHO, Julia Oliveira. *O espaço e o tempo na Pedagogia em Participação*. São Paulo: Porto Editora, 2011.
- GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GRANGEAT, Michel (Coord.). *A Metacognição, um apoio ao trabalho dos alunos*. Porto, PT: Porto Editora, 1999.
- HOYUELOS Alfredo, *La estética en el pensamiento y obra de Loris Malaguzzi*. Barcelona: Octaedro, 2006.
- KINNEY, Linda; WHARTON Pat. *Tornando visível a aprendizagem das crianças: educação infantil em Reggio Emilia*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. *Aprendizagem do adulto professor*. São Paulo: Loyola, 2006.
- VYGOTSKY, Lev. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## Imagen de Documentación Pedagógica: la integración de comunicación en la formación docente

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo dialogar en relación al uso consciente de las imágenes de Documentación Pedagógica. Buscamos contextualizar la visión de la pedagogía y de la Comunicación sobre el uso de imágenes, teniendo en cuenta la intersección de estas áreas con el fin de establecer un fuerte diálogo entre el productor y el visor de imágenes. Se presenta una experiencia desarrollada a través de estudios de caso, y en base a eso, se apuntan las nuevas tendencias de innovación en la práctica de registros reflexivos realizadas por el profesor, tratando de entender el proceso de construcción de la imagen como un elemento de comunicación en la educación y la observación del uso de nuevas tecnologías de la información y aplicadas en las aulas y en los procesos educativos.

**Palabras claves:** Documentación en Educación. Fotografía. Tecnología educativa.

## Image in Pedagogical Documentation: communication integration in teacher education

### Abstract

This article aims to dialogue with conscious use of the images on Pedagogical Documentation. It was sought to situate the vision of Pedagogy and Communication regarding the use of images, considering the intersection of these areas in order to establish a strong dialogue between the producer and the viewer of images. The paper reports a praxis developed through case study, and based on that experience, it points out the new innovation trends on the practice of recording reflective teacher, trying to understand the process of image building as part of a communication element and observing the use of new information and communication technologies applied in classrooms and educational processes.

**Keywords:** Pedagogical Documents. Photography. Educational technology.

**Karin Patricia da Silva**

*E-mail:* karintec@gmail.com

**Virginia Pereira Cegato Bertomeu**

*E-mail:* virginia.pereira@fmu.br

**João Vicente Cegato Bertomeu**

*E-mail:* jvcbertomeu@unifesp.br

**Recebido em:** 26/6/2013

**Versão final recebida em:** 17/12/2013

**Aprovado em:** 19/12/2013